

ESSES EGP QUE MAL SE OUSARIA CHAMAR “COMUNIDADE”

Anne-Geneviève Roger

RESUMO:

Enquanto vivemos numa sociedade que não incita em nada a pensar a dificuldade, nem mesmo a impossibilidade de *estar em comum*, o artigo destaca uma visão dos Estados Gerais da Psicanálise como sendo uma tentativa de dar vida a essa aporia-tipo que seria a construção de uma utopia sem ilusão. A própria existência dessa rede, sua sobrevivência e seu crescimento testemunham o interesse coletivamente dado à construção de um espaço que permita interrogar concretamente a dificuldade de viver juntos entre parceiros dessemelhantes.

Se está inscrito no destino dos EGP ser o modelo de uma comunidade enfrentada, inacabada e no limite destinada a se manter sempre inconveniente, é dando-se tempo para refletir ao que já se manifestou como sendo alguns dos pontos de ruptura possíveis que temos alguma chance de poder elaborar soluções concertadas suscetíveis de garantir o futuro dessa aventura comunitária pouco comum.

Palavras-chave: Comunidade, Autogestão, Controvérsia, Enfrentamento, Concertação

“Mas, se a relação homem a homem deixasse de ser relação do Mesmo ao Mesmo, mas introduzisse o Outro como irredutível e, na sua igualdade, sempre em dessimetria em relação aquele que o considera, tratar-se-ia bem de outra forma de sociedade que mal se ousaria chamar «comunidade. Ou se aceitaria chamá-la assim se perguntando o que estaria em jogo no pensamento de uma comunidade e se essa, tendo existido ou não, não colocasse sempre no fim a ausência de comunidade.”

Maurice Blanchot. (1)

“O enfrentamento, talvez, pertence essencialmente à comunidade: trata-se ao mesmo tempo de um confronto e de uma oposição, de se colocar diante de si mesmo para se desafiar e se pôr à prova, para se dividir no ser à distância que é também condição desse ser.

Jean-Luc Nancy (2)

Aposta política e social em relação ao senso comum, os Estados Gerais da Psicanálise apresentam essa característica de querer se buscar como comunidade mesmo sabendo que estão mais destinados a permanecer no modelo da comunidade inacabada, dificilmente freqüentável, no mínimo sempre inconveniente.

A determinação dos que, no quadro dos EGP, se esforçam para dar vida a essa forma de associação inédita é tanto mais notável quanto a maior parte dos protagonistas dessa nova história não ignora que os empreendimentos desse tipo participam do horizonte apontado por Maurice Blanchot no seu texto *La communauté inavouable* [Comunidade inconfessa].

Sim, pressentimos que o apego ao princípio de associação livre nos faz correr o risco de novamente atravessar a errância de certas comunidades surrealistas. Sim, estamos a par de que o engajamento político em favor do movimento antiglobalização não nos protege dos erros ideológicos comparáveis aos que acompanharam as piores experiências da época dita comunista. Sim, notamos que a palavra Bataille (3) faz parte do acervo cultural dos EGP e sabemos também que o combate dessa rede mobiliza diversas colunas de partícipes reclamando todos “da ideologia da libertação”, o que é um mal sinal da predisposição a tender para o campo da resistência quando os paradoxos da história em curso fazem com que precisemos sobretudo de gente disposta a explorar os caminhos da colaboração.

Captamos a extravagância e a loucura do que mal se ousa designar pelo nome de *comunidade* e não deixamos de perceber os muitos passos em falso a dar e os já dados. Alguns atos, quando não se devem à fraqueza conceitual dos argumentos emitidos quase sempre em nome da defesa do projeto, invés de ajudar a melhor cercar o destino comum que resta a definir, deixam pressentir o horizonte do fracasso.

Entretanto, a despeito dos obstáculos encontrados, dos “imbróglios” produzidos e dos erros cometidos, persistimos nessa tentativa. Persistimos por um monte de razões, algumas boas e outras ruins, que convém evidentemente de analisar tanto na sua singularidade como na sua intrincação e da qual não se poderia eliminar totalmente a idéia de que a questão da comunidade possa trabalhar profundamente alguns de nós.

Enquanto vivemos numa sociedade que não incita em nada a pensar a dificuldade, nem mesmo a impossibilidade de viver em comum, para o mundo da análise como para o meio intelectual que gravita em torno, a realização próxima do segundo encontro mundial dos EGP é, em todo caso, a ocasião para refletir novamente sobre o sentido da aventura acéfala proposta, já há 6 anos, por René Major.

Será que se trata de reacender, entorno da memória de Freud, de modo gratuito e finalmente efêmero, as brasas da Revolução Francesa, de criar pontualmente um

acontecimento midiático de prestígio, que pudesse em seguida ajudar no nascimento do Instituto de Altos Estudos em Psicanálise, ou com a intenção ainda mais ambiciosa de criar, no cotidiano, condições suscetíveis de incitar, pelo menos uma fração dos herdeiros de Freud, a sair de sua bela indiferença social e política e assumir a parte pesada e, em geral, recalcada do destino humano que é de ter que se preocupar com o bem estar do conjunto da humanidade?

Tal como se emitiu com aparente sobriedade em 1997, a proposição de organizar pela primeira vez as bases gerais da psicanálise potencialmente abertas a toda pessoa de boa vontade comportava também uma margem de ousadia – se não é um ultraje aos bons costumes analíticos – e uma ponta de ambigüidade bem feita para despertar um ofício que está em vias de perder suas virtudes subversivas. Enquanto era tacitamente admitido no século passado que o conjunto da informação dita científica sobre o inconsciente se devia por transitar pelo círculo estreito dos pares reconhecidos, a partir do lançamento dos EGP é o próprio princípio de confiar de uma vez por todas o controle quase exclusivo da totalidade do saber analítico aos “diretores de escolas” que nos fatos foi colocada em causa.

Quando, num universo organizado conforme às normas usuais do meio analítico, toma-se, no momento em que a multiplicação massiva do número de praticantes, a iniciativa de dar a cada um a possibilidade de pensar e agir em seu nome próprio, sem delegação, nem subordinação, coloca-se com certeza em posição de endossar, em relação à história, uma dupla responsabilidade: a de expor o seu próprio meio ao risco de uma profunda desestabilização e a de lhe oferecer a possibilidade de explorar as chances inéditas de renovação. Qualquer que seja a parte de ambigüidade incluída na mensagem endereçada, (ambicionava-se reunir uma assembléia de iguais ou tratava-se de dar uma chance a uma união solidária entre parceiros desiguais, querer-se-ia promover uma nova aristocracia de talentos ou desconstruir o poder dos privilegiados, mesmo aqueles ligados ao privilégio do talento? Tem um ponto no qual a posição de fundador tem o mérito da clareza e da constância: é de ter de chofre significado que «pertenceria àqueles que respondessem a esse chamado determinar, eles próprios, a origem, o sentido e os destinatários.” (Proposição adotada desde a alocução da Sorbonne e ainda reafirmada na primavera de 2003 sobre a controvérsia na França entre os grupos de trabalho *Subjectivus* e *Axes et Cibles*).

O indefinido deixado no início e intencionalmente mantido em seguida não permite a ninguém – e ainda bem que é assim – pretender ser o único detentor da boa interpretação; portanto cada um está livre para varrer o campo dos comentários suscitados pela convocação, para marcar entre as interpretações emergentes as que parecem mais ou menos coerentes, mais ou menos desejáveis e para indicar na passagem suas próprias preferências.

Do meu ponto de vista, é em primeiro lugar no sentido apontado por Lacan no seu seminário de 10/01/1968 “...um *ato é revolucionário ao suscitar um novo desejo...*” que convém compreender o lado “revolucionário” do empreendimento EGP, mas é preciso estar estruturado e/ou cultivado de maneira estranha para não captar que a idéia dos Estados Gerais da Psicanálise comporta também um convite a resituar essa disciplina na dimensão de uma historicidade que a ultrapassa e oferece logo uma incitação a questionar a família freudiana desde o *bas-fonds* de sua própria história.

Se evidentemente deve-se tomar o alcance das perspectivas de renovação abertas pela instalação de tal campo, é pouco surpreendente aliás constatar que o iniciador do movimento não manifeste nenhuma vontade de se engajar de modo participativo junto a uma ou outra célula que trabalha sobre o sentido de sua convocação, uma vez que agindo assim, ele só poderia limitar o sentido e fechar um debate de fundo que começa apenas a se instaurar. Mesmo se uma parte do meio analítico de início se engajou nessa aventura sem forçosamente ter tido o trabalho de refletir de modo mais aprofundado nas implicações possíveis de tal título, - é provável que não exista revolução, sem perigo, sem imprevisto e sem remanejamento de certos equilíbrios – as tensões atravessadas no curso dos três últimos anos começam a suscitar matéria para reflexão e diversas concepções sobre o presente e o futuro desse movimento estão sendo formuladas mais claramente.

Para alguns, continua sendo difícil aparentemente conceber que as cúpulas mundiais do movimento possam se organizar de outro modo do que a partir de comitês executivos restritos que reúnam alguns barões da profissão. A reprodução do modelo de Paris e o conceito de encontros de prestigiados onde os *maîtres à penser* da profissão ou das ciências humanas vizinhas viriam periodicamente expor os últimos avanços de seus saberes é, grosso modo, o esquema preconizado pelos organizadores do segundo encontro mundial do Rio, os quais tentam imprimir ao movimento uma direção elitista, sob o pretexto de impedi-lo de se tornar uma hipotética fantasia.

Em torno do comitê executivo do Rio, gravita ainda a onda daqueles que esperam para ver em que sentido o vento vai soprar e a turma também clássica daqueles costumeiros ambivalentes, que mesmo sendo em princípio favoráveis à mudança, passam seu tempo a avançar um monte de razões que justifiquem postergar o início.

As problemáticas dos organizadores como as da maioria dos participantes dos três encontros intermediários latino-americanos são bem diferentes. Desse lado, o entusiasmo ainda não se esgotou. O público dos encontros latino-americanos tem a experiência de congressos organizados de modo não-diretivo. Na medida em que as pessoas que vêm estão à procura de uma qualidade de encontro que não confundem com o recurso sistemático ao vedetismo de alguns grandes nomes, estão, no conjunto, claramente favoráveis à idéia de diminuir o papel do impulso vindo do alto para uma responsabilidade solidária que se difundiria para o conjunto e apelariam à abertura de um debate franco e leal sobre o futuro do movimento. Uma discussão plenária deveria permitir expor o conjunto das concepções atualmente presentes, sem que se descarte ou se desautorize de antemão algumas teses apresentadas como inaceitáveis, irrealistas ou sem interesse.

A regra de uma cúpula EGP implica que se aceite o princípio de uma certa mistura, que se consinta em se expor a cruzar esse outro desconhecido que não sai, obrigatoriamente, da mesma seara e que não tem necessariamente o mesmo temperamento ou as mesmas idéias. Isso dito, a perspectiva de dever prosseguir o diálogo com analistas argentinos, suficientemente avisados para declinar o convite para a função de leitores/relatores ou de ter que engajar a conversa com vogais estrangeiras culpáveis de divulgar idéias perigosas, não parece regozijar em demasia os organizadores do encontro do Rio.

De outro lado, muitos participantes dos primeiros encontros viveram, até o momento, com dificuldade o face a face com os diretores de escola e estátuas de mestres que, por terem se engajado, publicamente, em descer do pedestal, não por isso sentem menos a dificuldade patente de realizar no dia-a-dia e com leveza esse pequeno passo para trás que poderia ser um grande salto para a frente pela causa comum.

Nessas condições, rigidez, constrangimento, condescendência e arrogância são colocados em circulação e essas emoções manifestaram-se com suficiente rigor para que levantasse a questão de uma eventual ruptura entre sensibilidades diferentes. No entanto, na maioria de nós, essas tensões recorrentes não erodiram fundamentalmente o desejo de continuar a dar uma chance à uma comunidade heterogênea. Porque se trata de um movimento cuja lógica interna poderia ser a de levar os que se agregam a manter um processo analítico permanente de repensar a relação de cada um a todos, porque se trata

de uma montagem capaz de nos fazer viver de outro modo a experiência das questões políticas elementares, é provável que um organismo concebido de tal maneira seja levado a conhecer, com frequência, um nível elevado de tensões. Pode ser que seja justamente na interrogação constante dos possíveis pontos de ruptura onde reside boa parte do interesse desse empreendimento comunitário pouco comum.

Por pouco que algo dessa ordem tenha estado efetivamente em causa desde o início seria judicioso começar por agitar um lenço vermelho de reivindicações radicais, correndo o risco de provocar importantes angústias de perdas de privilégios, sobretudo quando se sabe que acordar ou despertar esse tipo de angústias comporta o perigo de aumentar a tentação de retorno a esquemas interpretativos e de comportamentos antigos? O futuro dirá se a comunidade inacabada que formamos será capaz de gerenciar convenientemente as tensões que deixa emergir à superfície, mas se vê mal como analistas poderiam subscrever a idéia de qualquer análise que decorresse sem turbulências, sem atualização de um fundo pulsional arcaico e sem despertar antigos reflexos. Sejamos todos um pouco pacientes e, em algum tempo, pode ser que comecemos a ver mais claro.

Quando lancei o grupo *Axes et Cibles* em maio de 2002, não existia em Paris nenhum espaço implantado em lugar público que permitisse qualquer um vir, sem recomendação ou cooptação particular, compartilhar suas reflexões entorno dos temas abordados pelos Estados Gerais da Psicanálise. Hoje, *Axes et Cibles* é uma das células que se reúne regularmente na França dentro do quadro dos EGP. O espaço de discussão que abrimos permite a qualquer um interrogar sem censura e sem tabus os diversos campos e manifestações da psicanálise e oferece a quem desejar a possibilidade de propor um tema para reflexão ou de intervir sobre assuntos já inscritos. A consulta aos trabalhos já à disposição na rede por intermédio desse grupo (4) prova que nos preocupamos efetivamente em interrogar a psicanálise a partir de suas práticas novas, de estabelecer um diálogo com pessoas vindas de disciplinas vizinhas e de pensar a dimensão socioeconômica da psicanálise. Com os que se juntaram para garantir a coordenação desse grupo (5) nos esforçamos também em refletir como concretizar a concepção a-hierárquica dos EGP. Nosso voto é de ver se instalar uma comunidade livre e responsável de parceiros capazes de contradições. Mas como as instituições analíticas e as sociedades humanas, em geral, até agora, não investiram muito na direção da autogestão responsável entre parceiros diferentes, situemos a experiência em curso mais do lado da criação de uma utopia. Opção que coloca tantos problemas quanto resolve, todos já sabem que a função da

utopia, na sua parte mais inovadora, revolucionária, introduz obrigatoriamente o diferente e que esse diferente é outro, mais é fonte de diferendus.

Percebemos de fato o conjunto da rede EGP como um vasto laboratório onde podem se interrogar os pontos de articulação entre desejo singular e obrigação grupal. O grupo *Axes et Cibles* foi aberto com o consentimento de René Major, no entanto a partir do momento em que o diferente não controlado pelos *Amigos* encontrou a se expressar no seio dos EGP França, tensões não deixaram de se produzir. Que temos algumas reservas em relação aos funcionamentos elitistas não significa por isso que somos favoráveis a uma inversão de valores que apagaria toda distinção entre mestres e alunos, que somos incapazes de reconhecer a autoridade moral de alguns colegas ou de discernir os níveis nos interesses de algumas comunicações ou tomadas de palavra. Mas apontar a distância entre o que os EGP são e o que podem ser, discutir publicamente dos limites, dos freios e das disfunções da construção em curso e transformar as tensões encontradas em objetos de estudo é um procedimento natural aos nossos olhos. Essa atitude, às vezes mal compreendida, às vezes mal admitida, censuram-nos colegas que estimam que traz prejuízo à imagem do movimento. Aos olhos dos *Amigos*, temos a reputação de ser uma margem turbulenta e frondosa. Deve-se notar que os argumentos de alguns de nossos opositores são, às vezes, relativamente próximos dos que serviram outrora para pedir aos militantes e aos intelectuais comunistas de não criticar o Partido a fim de não desesperar os operários. Quando se sabe onde essa estratégia conduziu os diversos partidos comunistas, isso não nos incita nem um pouco a alinhar nosso discurso na linha do partido dos *Amigos*. E quando se realiza que na ocorrência, trata-se não tanto de evitar de desesperar os descendentes de Freud que se tornaram operários do divã, mas mais de vigiar para não inquietar o grupo dos notáveis e a franja mais abastada do mundo da análise, franja respeitável, certo, mas da qual se vê mal a que título e em função de que fator inanalizado e inanalizável deveria dirigir para sempre e só ela a organização da comunidade EGP, no momento da sua cúpula mundial, isso não nos convence da absoluta necessidade de censurar nossas proposições para melhor garantir a defesa do interesse coletivo.

Com certeza alguns argumentos avançados no movimento do grupo *Axes et Cibles* são perturbadores. Face ao que, invés de aceitar a confrontação e manter um verdadeiro debate de idéias, alguns preferem nos ignorar, enquanto outros nos acusam de deslealdade, de miras subversivas ou nos descrevem como desejosos de eliminar as hierarquias estabelecidas, invés de nos ler de mais perto para perceber que o velho esquema de uma revolução se soldando pela vitória de uma categoria, de uma divisão, de

uma facção sobre outra, não constitui claramente um modelo atrativo. Não aspiramos promover um tipo de comunidade na qual se veria mal brincar com a experiência em curso e onde subjaz a preocupação de repartir os membros entre os bons ortodoxos e a embriaguez de dissidentes em potencial. A partir daí, encontrar-nos face a discípulos petrificados de boas intenções que gastam parte de seu talento em querer nos intimar a escolher entre o lugar de amigo incondicional dos EGP ou a de suspeito ou inimigo nos parece um destino meio louco e meio funesto. Estranha demanda, vindo involuntariamente se inscrever no prolongamento da reta linha preconizada por todos os teóricos do Terror, os quais são unânimes em explicar que não se deve nunca brincar com o poder, que um bom militante deve aderir à Revolução sem jamais criticá-la e que fora dos amigos incondicionais da Revolução, só há suspeitos ou traidores.

Uma nota de Oscar Wilde em *O retrato de Dorian Gray*, quem sabe, poderia nos ajudar a explicar uma parte de nossos “imbróglios”, ao mesmo tempo que viria apontar uma direção a explorar para tentar tratar nosso mal em viver juntos: “*A humanidade se leva muito a sério. É o pecado original do nosso mundo. Se o homem das cavernas tivesse sabido rir, o curso da história teria sido diferente.*” Olhando os diferentes sacos de nós empilhados ao longo dos anos pelos diversos agrupamentos à base de analistas, meu humilde sentimento é que a família freudiana está ainda relativamente próxima do homem de Cro-Magnon, pelo menos tal como percebido por Oscar Wilde, apresenta um defeito maior bem incapacitante: o de ser quase sempre composta por pessoas que sofrem (e fazem os outros sofrer) por se levarem demais a sério. Aproveito para precisar na passagem que o ponto de vista jacobino, que revisei por ocasião dos EGP, sempre se caracterizou por integrar uma dimensão lúdica. Instalar-se nessa posição que reúne, ao meu ver, o duplo mérito de pensar os problemas do empreendimento em curso e de indicar de modo paradoxal a necessidade de se distanciar do que o robespierrismo encarna de pensamento paranóico.

Que a liberdade de expressão continue sendo a regra fundamental no seio dos EGP sem que se reinstale de modo desviado uma censura que não ousaria dizer seu nome é um ponto particularmente caro aos participantes de nossa célula de trabalho. Em relação a isso, o fato de que um grupo como o nosso tenha, finalmente, após hesitação e reflexão, se visto confirmado no seu direito de publicar livremente sobre o site oficial da Cyber Revue EGP nos parece mais tranquilizante.

As brigas interceptam bem provavelmente tanto as chances como os riscos do futuro desse movimento. Assim sendo, resta-nos progressos a fazer para “(...) nos tornarmos capazes de olhar de frente nossa ferida e nosso enfrentamento, não para aí naufragar, mas

para aí esgotar, apesar de tudo, a força de nos enfrentar de início com conhecimento de causa, depois de maneira a realmente sair da frente – sem o que o enfrentamento não é senão aglomeração indistinta e cega?” (6) No momento do segundo encontro mundial, pode-se mesmo assim esperar que a grande maioria dos participantes esteja de acordo em manter aberto o diálogo entre todos os parceiros que se interessam por esse movimento e tenham percebido o interesse de deixar se desenvolver nas células que compõem essa rede algo que seja da ordem de uma certa anarquia crítica. Agora, é certo que há um equilíbrio a ser encontrado para deixar um certo “des-encadeamento” de pensamentos se exprimir sem que se desenvolva paralelamente tensões insuportáveis para a maioria. Chegar a uma cisão entre diversos campos presentes seria de qualquer maneira um fracasso. E nesse caso, pouco importaria, no fim das contas, saber qual seria o lado que ganharia, o dos ultra progressistas contra os progressistas moderados, o dos notáveis contra os analistas ordinários, o dos cariocas contra o modelo dos paulistas, já que vencedores seriam, evidentemente, ao mesmo tempo perdedores.

A capacidade de cada um em superar seus medos, a aptidão para manter uma circulação fluida entre o sonho e as exigências da razão, a recusa em adotar posições que diabolizam o contraditor, a recusa de soluções na base da exclusão ou da dominação de um grupo sobre outro são alguns dos pontos sobre os quais temos todos de nos mostrar vigilantes e queremos continuar a avançar na construção dessa utopia sem ilusão.

A vontade de manutenção da ordem, a exigência de fidelidade à tradição, o apelo à razão e ao sério, a regulação coletiva são necessários aos EGP, a dinâmica contestatória, o espírito de rebelião, o élan libertário, a exuberância generosa, a fibra poética e humorística também o são.

Que pensar hoje do que é agora almejado e desejado nos diversos lugares sob o nome de Estados Gerais da Psicanálise?

Certo, nem tudo é perfeito na experiência em curso, mas era esperado que assim o fosse. De hora em hora, ressurge, inevitavelmente, aqui ou lá, a tentação de colocar à parte a palavra do especialista reconhecido ou da autoridade influente e suposta superior de tal ou tal Comitê Nacional ou Internacional, no entanto, no conjunto já aconteceu alguma coisa que está permitindo que advenham nesse meio funcionamentos e raciocínios ligeiramente outros. Se se deve reconhecer a René Major a paternidade desse projeto de comunidade analítica acéfala, pode-se bem lhe ser reconhecido sem, entretanto, se sentir obrigado a afirmar publicamente que esse sonho já se realizou ou até que está em vias de ser convenientemente realizado na França ou na América Latina. Agora, as tensões

encontradas de ambos os lados do Atlântico seriam a entender apenas enquanto destino aflito de uma comunidade incapaz de fazer outra coisa senão se condenar eternamente à reprodução do mesmo?

Além das habituais rivalidades de poder, além dos clássicos conflitos de gerações, a despeito das complicações devidas às inevitáveis interferências transferenciais e contra-transferenciais, pode ser que estamos face a uma experiência que, do mais fundo dos seus balbucios, chega a dizer isto: há, apesar de tudo, em nós uma resistência e uma insistência de comunidade. Essa comunidade está destinada a continuar ainda muito tempo, senão para sempre, inconveniente e dificilmente apresentável em público. Portanto, ela não é uma pura abstração, ela não é sem efeitos notáveis.

Como a fórmula ainda de Jean-Luc Nancy em *Communauté affrontée*, texto no qual cada linha parece escrita, senão em eco, pelo menos em ressonância com a experiência em curso – mas seria isso um acaso? -: “Já houve entre nós – nós todos juntos e por conjuntos distintos – a partilha de um comum que não apenas a partilha, mas que ao partilhar faz existir e toca, então, à própria existência no que essa é exposição ao seu próprio limite. É isso que nos faz “nós”, nos separando e nos aproximando, criando proximidade por distanciamento entre nós na indecisão maior na qual se mantém esse sujeito coletivo ou plural, condenado (mas é sua grandeza), a não encontrar sua própria voz (7).

Há no projeto EGP, contra nossos demônios do enfrentamento, contra nossas sereias da separação, uma exigência filosófica e política de estar em comum, uma necessidade de abertura para o outro, ainda que o outro seja inquietante ou precisamente por essa razão. Fazer acordo entre pessoas semelhantes ou que têm interesses concordantes não é um ato político meritório; onde, em revanche, uma verdadeira virtude política seria a de decidir viver juntos após ter medido as múltiplas razões que teríamos para não fazê-lo. A comunidade dos EGP não se realizou, sabemos que nunca se realizará e isso tanto mais quanto a psicanálise é naturalmente portadora de um fator de inacabamento.

A negatividade dos EGP, se por ventura é notável, o é na medida em que essa comunidade não é convocada a se materializar pela realização de uma obra bem acabada. A positividade dos EGP, se por ventura se tornasse um pouco mais notável, seria na medida em que essa comunidade se pusesse a assumir um pouco melhor o risco de fazer viver juntos não indivíduos mais ou menos todos construídos sob o mesmo modelo, mas pessoas realmente diferentes. É provável que o próximo desafio e, ao mesmo tempo, risco existencial mais importante atualmente incorrido por esse movimento consiste em romper com a tradição dos grandes agrupamentos de analistas dos quais uma das características é

de reunir categorias de indivíduos sensivelmente homogêneos. Vistas as despesas ligadas à participação em um congresso internacional e vistas as condições sociológicas médias das novas gerações de analista ou pesquisadores em ciências humanas, ninguém, entre os congressistas inscritos no segundo mundial dos EGP, está em situação de ignorar que grande parte da comunidade interessada por esse movimento está hoje afastada desse tipo de encontro por razões financeiras. Negligenciando esse dado, respeitando as barreiras financeiras que colocam obstáculo à mobilidade dos homens e das idéias, esquecendo de instaurar entre nós um mínimo de solidariedade suscetível de atenuar esse fenômeno, subscrevemos a escolhas econômicas, políticas, culturais que não são sem efeito sobre a coletividade, nem sem relação com os que operam cotidianamente todos os endividados da terra, os quais manifestamente, em geral, têm uma propensão natural para preferir ficar entre si.

Os EGP são uma figura da incompletude que oferece permanentemente as alegrias e as inquietações de um passeio à beira de um precipício; são ondulações e movimento, um quadro sem moldura, um quadro sem tela onde cada um pode escolher desenhar a trama de suas fantasias de transeunte não solitário. Na prática, tudo se passa como se essa associação tivesse sido concebida para que irmãos e irmãs inimigos da Horda pudessem vir se expor um tempo, sem defesa, à crueldade de todos os outros. Porque ela parece com um esboço sem parafuso, essa forma informe oferece, aos bem-pensantes e aos malfeitores tão estreitamente associados em cada um de nós, a possibilidade de poder se agarrar virtualmente e, às vezes, mesmo muito firmemente, com seu duplo mal-pensante e benfeitor, sem por isso se rasgar até a morte.

Diagnóstico: Amor impossível de uma comunidade inconfessa de amigos impossíveis e malditos que se dariam os meios para sondar juntos os limites de sua tolerância...

Estado atual: Mais próximo do mundo de Bacon do que do universo do ingênuo Rousseau.

Estado futuro: Forçosamente complexa, mais aleatória ainda enquanto as próximas cúpulas internacionais não se anunciam nem desertadas, nem des-afetadas.

Ninguém tendo o meio de saber, hoje, onde a convocação de 17 de junho de 1997 acabará por conduzir o conjunto dos que decidiram respondê-la, a pista merece ser perseguida. Por pouco que tenhamos o espírito curioso e que sejamos bastante numerosos para ter vontade de empurrar, para um além de amanhã, o fim sempre programado e sempre incerto inscrito no destino de uma comunidade.

Anne-Geneviève Roger

ag.roger@wanadoo.fr

Paris, Septembre 2003.

tradução Mirian Giannella

giannell@uol.com.br

Notes

1) Blanchot M. *La communauté inavouable* Paris Éditions de Minuit, 1983. p 12.

2) Nancy J.-L. *La communauté affrontée* Galilée, Paris, 2001, p. 50.

Alusão à obra de Georges Bataille, escritor francês. No que se refere às idéias políticas de Bataille, ver a tese de Francis Marmande *Georges Bataille politique* Presses Universitaires de Lyon, 1985.

Para ter uma idéia dos temas trabalhados e dos textos discutidos no interior do grupo Axes et Cibles, ver especialmente a rubrica *Groupes de travail France* no interior da Cyber Revue des EGP no endereço:

www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/groupes/groupes.html

Desde dezembro de 2002, a coordenação do grupo *Axes et Cibles* é garantida por três pessoas: Michel Juffé, Jacques Letondal e Anne-Geneviève Roger, os três membros da Association *les Amis des EGP*.

6) Nancy J.-L. *La communauté affrontée* Galilée, Paris, 2001p. 19. Entre as outras obras interessantes a consultar sobre esse tema, ver também do mesmo autor *La communauté désœuvrée*. Primeira edição 1986, Christian Bourgeois editor, reedição 1990 e 1999.

7) Nancy J.-L. *La communauté affrontée* Galilée, Paris, 2001, p 45.